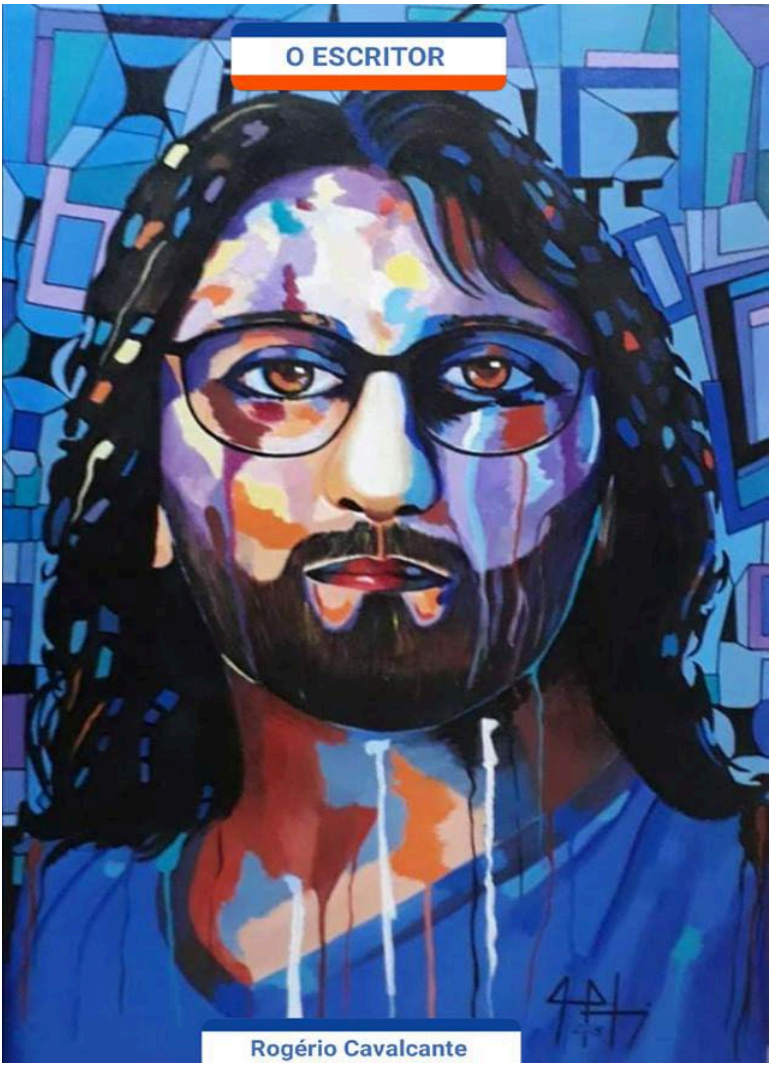

O ESCRITOR
Rogério Cavalcante

O ESCRITOR

ROGÉRIO CAVALCANTE

Romancista, contista e poeta

Rua Pastor Geremias, nº 65, Conjunto Universitário II, Quadra 23, Casa 21
Conjunto Universitário - Rio Branco – Acre / CEP 69.917 – 714

E-mail: rogcavalcanti@ibest.com.br

rogcavalcanti53@gmail.com

2ª Edição – 2019

Copyright 2019 pelo autor

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução ou a duplicação foto-mecânica de todo o volume ou de parte dele sem a permissão expressa do autor. Direitos desta edição exclusivos do autor.

Capa: Jacinta Cavalcante

© CAVALCANTE, R. 2019

ISBN 978-85-921367-1-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Rogério Cavalcante
O escritor / Rogério Cavalcante Silva. –
Rio Branco, AC : Ed. do Autor, 2019.

ISBN 978-85-921367-1-0

1. Contos brasileiros 2. Poesia brasileira
I. Título.

CDD-B869.3
19-24351 -B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

O ESCRITOR



Rogério Cavalcante - 2007

O MEU CANTO PRIMEIRO

É claro que eu escrevo em qualquer lugar, basta que esteja com vontade e inspiração, com a poesia resvalando pelos dedos cheia de romantismo. Sou um escritor romântico, procuro me espelhar nos escritores do Romantismo, principalmente José de Alencar. E me inspiro muito também nas músicas românticas, que são para mim verdadeiros poemas, obras literárias. Não foi à toa que a Academia Sueca concedeu o Prêmio Nobel de Literatura para Bob Dylan, cujas canções são sim verdadeiros poemas.

Todo escritor convive com muitos livros, documentos e papéis diversos, traços de uma vida de estudo e rascunhos...

rascunhos... muitos rascunhos, nossas vidas são livros e mais livros e também são rascunhos, rabiscos, alfarrábios e fotografias de um tempo vivido, onde tudo se molda ao jeito de ser e de escrever do escritor.

Todo escritor possui um lugar para ficar e pensar, escrever, criar e sonhar... Eu tenho o meu lugar, minha sala de criação, o meu canto de sonhos, muitos sonhos, criação de meus mundos e também refúgios... recantos, cantos e também gritos... Eu amo o meu lugar de escrever, ou melhor, de digitar ou teclar. O meu Romantismo já fez um pacto com o Modernismo e os dois se aceitam sem preconceitos. Aposentei a máquina de datilografia e já me acostumei com o *notebook*, o *smartphone* e a

impressora, mas ainda sinto saudade, muita saudade, do lápis e da borracha, também dos rascunhos e rabiscos da minha vida...

MEU POEMA
EU

Já participei de vários grupos de discussão sobre literatura, poesia e contos, todas as formas de criação literária, em escolas, universidades, grupos de amigos amantes de livros e até nas redes sociais. Escritor é o sujeito que escreve, muito óbvio. Hoje praticamente não escrevemos mais, apenas digitamos ou teclamos em notebooks e celulares. Usamos qualquer um dos gêneros literários, desde os adoráveis e inesquecíveis diários e cartas de amor até livros de poemas, romances, contos,

crônicas e novelas, livros de quadrinhos e também os ditos livros didáticos e autorais sobre determinadas áreas, como a matemática, odontologia, medicina, história, etc.

Eu costumo me classificar como um escritor da Escola Literária Romântica. Pra mim o Romantismo nunca morreu. Enquanto houver o amor, haverá também o romantismo e os românticos. Costumo escrever poemas, contos, romances e muitas estórias. Não sou um historiador e sim um contador de estórias. A poesia é uma forma de expressão que se confunde com o próprio amor e com o romantismo e pode estar presente em qualquer gênero literário, inclusive entremeada na prosa.

Muita gente me pergunta sobre o que faço para ter tanta inspiração pra escrever vários livros. Alguns escritores só conseguem escrever, quando estão trancafiados em casa, isolados do mundo. Já eu escrevo em qualquer lugar. Outros só conseguem escrever à mão ou só digitam em computadores. Já eu escrevo à mão, digito em computador e muito mais ainda no meu surrado *smartphone*, meu fiel confidente, escudeiro e amigo de todas as horas. Outros só conseguem escrever no silêncio da noite. Já eu não, escrevo a qualquer hora do dia e da noite. E outros só escrevem em escritórios bonitos, sofisticados, cheirosos, sobre mesas de madeira de lei. Mas eu não, não vou mentir, vou ser sincero, tenho muita inspiração

quando estou ouvindo músicas românticas e também quando estou viajando.

Vou contar, então, como nasceu o meu poema “EU”. Todo poema precisa ter uma história ou fundamento. Certa vez percebi que ainda não tinha feito um poema para mim mesmo. Eu achava que já merecia um poema. Até que um dia o meu poema, finalmente, nasceu. Foi de uma forma meio que hilária, uma verdadeira agonia, mas nasceu.

Num certo dia do mês de agosto de 2014, pela manhã no meu trabalho, entre um expediente e outro, antes de sair pra almoçar, eu ouvia a música “*Beside You*” do VAN MORRISON. A inspiração chegou e eu rabisquei o meu poema em duas folhas de

papel A4, deixando-o quase pronto, só faltando alguns detalhes. Mas quando eu voltava para o segundo expediente à tarde, caminhando pelas ruas da cidade, senti uma tremenda dor de barriga. Tive que me refugiar no primeiro local onde existia um banheiro disponível, uma agência bancária.

Fui correndo para cima do vaso sanitário, estava ceguinho de tanta dor, não dava pra perceber nada naquela hora, de tanta aflição. Quando terminei essa minha outra obra, a fisiológica, e procurei o papel higiênico... “Ai, meu Deus do céu! Cadê o papel higiênico?” Zerado. Necas de pitibiriba. Não havia papel higiênico no banheiro “E agora, senhor? Me dê uma luz, por favor! Como vou limpar esse cocô?” Pensei todo desorientado.

Mas eis que, de repente, me lembrei das duas folhas de papel A4 que estavam guardadas no bolso das minhas calças. Assim, meio que tristemente, tive que usar o meu pobre poema para esse fim. Cheguei ao meu trabalho todo acabrunhado e contei o triste fim do meu poema “EU” pra uma colega, tão boazinha, que me consolou:

- Tadinho, colega! Mas esse seu poema “EU” devia ser uma bosta mesmo. Agora você fará algo melhor, com certeza.

Passei alguns dias tentando resgatar, relembrar os versos que escrevera naquelas duas folhas de papel A4 até que enfim concluí o meu poema. Poema bom é aquele que tem uma história. Pelo menos o meu poema “EU” já tem uma história.

Ficou assim, então, o meu poema EU muito modernista:

EU

Vivo.
Arrastam-se paus e pedras
na descida irrefreável.
Desordenado,
o líquido benfazejo
se esparge irremediável
e deixa manchas.
No entanto, eu vivo.

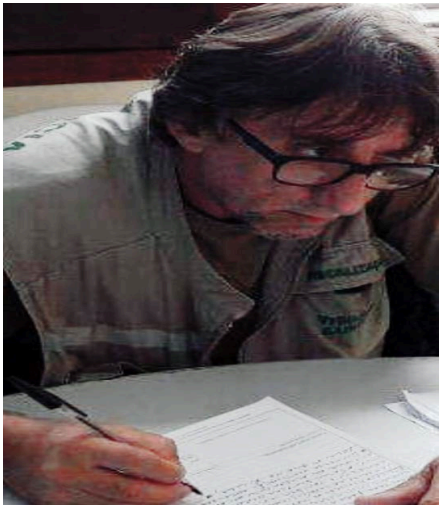
Na trajetória que descrevo
nuvens esparsas de quando
em vez me caem sobre.
Faço delas um pretexto
para viver e vivo.

Saio pela cidade
pra olhar o movimento,
pra ver as ruas e as calçadas,
em meu rosto sentir o vento,
quiçá ouvir o sino da matriz
anunciando o passar do tempo?!.
Mas na cidade encontro
becos e buracos e também poluição.
Olho ao meu redor.
Faces inúmeras me cercam,
mas estou só. Só na multidão.
Volto pra casa, sento-me à mesa,
pego da pena e vou viver.

Sobre o amor?
O que dizer do amor?
Apenas lhe digo que viva o amor
intensamente, da forma que puder,
pois que a vida passa,

tão de repente, num piscar de olhos.

Portanto, não crie subterfúgios
que possam fazer você se arrepender
depois de não ter vivido aquele
tão sonhado e verdadeiro amor.
Só sei que eu vivo.



O Escritor

Acre, Brasil, 2018.

DIA DO ESCRITOR

Minha irmã, que é escritora e pintora, além de cirurgiã-dentista como eu, postou uma mensagem nas redes sociais lembrando que hoje é o dia do escritor, 13 de outubro, o que me fez pensar nos meus anos todos também já vividos como escritor.

A máquina de escrever já se transformou em uma mera peça de museu. Hoje os escritores não escrevem mais nem datilografam, apenas digitam e postam os seus textos nas mais variadas plataformas cibernéticas. Essas modernas tecnologias atuais na arte de escrever me fazem pensar não somente no quanto evoluímos, mas também me volto ao passado e fico só imaginando, por exemplo, como o